

curso de
acessibilidade

SOBRE O CURSO

Modalidade	A distância - autoinstrucional
Objetivos	O curso, baseado no "Manual de Convivência: pessoas com deficiência e mobilidade reduzida" objetiva esclarecer que deficiência não é sinônimo de incapacidade e que ser diferente é normal. Pretende tombar o preconceito ancorado na desinformação e, principalmente, acabar com o medo do relacionamento entre pessoas com e sem deficiência.
Conteúdo	Introdução. Primeiros toques. Deficiência física. Deficiência visual. Deficiência auditiva. Deficiência intelectual. Outros casos. Rumo à acessibilidade. Concluindo.
Público-alvo	Servidores e colaboradores da Justiça Eleitoral
Carga Horária	30h
Interação/comunicação	Fórum de notícias: usado exclusivamente pela equipe de tutores, para postagem de comunicados importantes.

Os seguintes ícones serão utilizados ao longo do curso e sempre mostrarão:

Recursos Visuais



Outras informações sobre o assunto, como material complementar e recursos audiovisuais.



Informação importante!



Orientação do conteudista.

Avaliação	Avaliação de aprendizagem: será realizada através da soma das notas das avaliações parciais disponíveis ao longo do curso. Avaliação de reação: ao final do curso, os participantes deverão preencher o formulário Breve de avaliação do evento que será usado como subsídio pela Escola Judiciária Eleitoral para identificar o nível de satisfação em relação ao conteúdo e aos objetos de aprendizagem.
Certificação	Serão fornecidos pela Escola Judiciária Eleitoral do TRESC ao alunos que obtiverem aproveitamento igual ou superior a 70% na soma das avaliações parciais da aprendizagem e acessar 75% dos conteúdos do curso.
Conteúdo	Desenvolvido pela Assistência de Educação a Distância da Escola Judiciária Eleitoral de Santa Catarina com base do conteúdo do " Manual de Convivência: pessoas com deficiência e mobilidade reduzida"
Revisão	Comissão Permanente de Acessibilidade e Inclusão
Design Gráfico e instrucional	Assistência de Educação a Distância - EJESC ■ Cláudia Regina Damasceno Luciano ■ Daniela Ferreira ■ Juliana Tavares Martins ■ Noelle Atkienson Ornellas
Referências	GABRILLI, Mara. Manual de Convivência: pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. Disponível em : http://maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2017/10/manual_web.pdf

INTRODUÇÃO

A exclusão das pessoas com deficiência acontece em forma de cascata.

No topo, está a dificuldade em entender as diferenças.

Em consequência, espalhamos por todos os cantos uma infinidade de barreiras arquitetônicas, comunicacionais e atitudinais que impedem as pessoas com deficiência de circularem livremente e de se inserirem socialmente.

Trata-se de um contingente enorme de pessoas. No mundo, 1 em cada 7 pessoas tem algum tipo de deficiência.

No Brasil, são 14 milhões de pessoas, quase 7% da população!

Entre o público que atendemos, hoje temos mais de um milhão e duzentos mil eleitores com deficiência.

Na população em geral, a deficiência mais comum é a visual. Entre os eleitores, a dificuldade de locomoção é a mais registrada.

O Brasil está em uma das últimas colocações no cumprimento das leis e das condições de acessibilidade.

Mas, se mudarmos uma chavinha - a nossa compreensão das diferenças - podemos contribuir para reverter esse quadro. Basta uma simples atitude, de respeito e entendimento, para que mais e mais pessoas com deficiência possam exercer sua cidadania e usufruir dos serviços que a sociedade oferece. Podemos começar dentro de nossas próprias casas e locais de trabalho. Este curso é um convite para que você também faça parte dessa mudança.

PRIMEIROS TOQUES

Não tenha medo. Algumas situações podem parecer embaraçosas, mas tudo vai depender da forma como você lidar com elas. Uma coisa, entretanto, tem de estar muito clara: nunca subestime a eficiência de uma pessoa com deficiência e nem superestime as dificuldades. Ter uma deficiência não faz com que a pessoa seja melhor ou pior, somente impõe a necessidade de algum tipo de apoio.

Ao contrário do que se diz, muitas pessoas com deficiência não se importam em responder a perguntas sobre sua deficiência. Aquelas situações em que uma criança fica olhando ou faz alguma pergunta sobre a deficiência de uma pessoa não é constrangedora. O que torna a situação embaraçosa é, invariavelmente, a atitude dos pais, que puxam a criança pelo braço e cochicham algo do tipo: "não faça isso, não mexa com ele". De qualquer forma, a receita é simples: aja com naturalidade e respeito.

Digamos que você tenha contato com uma pessoa com deficiência, e gostaria de oferecer ajuda. Se sentir essa vontade, ofereça. Mas, antes de fazê-lo, **pergunte como a pessoa quer ser ajudada**. Se não soubermos exatamente como ajudar, acabamos atrapalhando.

Vamos dar um exemplo de uma situação que acontece com frequência. Uma pessoa que usa muletas precisa de ajuda para subir uma escada. Você, que nunca ajudou uma pessoa com deficiência física antes, se dispõe a ajudar: segura na muleta e começa a impulsioná-la para cima.

Fazendo isso, você comete dois erros graves:

1. o primeiro é que segurando e puxando o apoio dessa pessoa, você tira o ponto fixo que a mantém em pé; e
2. o outro é mexer nas muletas sem pedir licença.

Essas órteses, bem como a cadeira de rodas, são como uma extensão do corpo da pessoa com deficiência. Seria a mesma coisa que uma pessoa, disposta a te ajudar, fosse pegando no seu braço antes de perguntar se pode.

Não se sinta mal caso a pessoa com deficiência recuse a sua ajuda. Muitas vezes, elas podem e querem fazer determinada atividade sozinhas, e até vão fazer melhor se não tiverem auxílio. Portanto, não se incomode com essa negativa. O contrário também é verdadeiro. Se você não se sentir seguro para ajudar, sinta-se livre para recusar o pedido de ajuda. É preciso saber como, para dar alguma contribuição, certo?

É sempre bom lembrar que deficiência não é sinônimo de doença. Uma pessoa em uma cadeira de rodas está privada de andar, mas pode ter uma saúde tão boa - ou melhor - do que a sua.

Quando você for conversar com uma pessoa com deficiência, dirija-se diretamente a ela e trate-a com respeito, educação e simpatia.

Por exemplo, uma pessoa com deficiência física pode andar por aí sozinha ou acompanhada de outra, sem deficiência. Essa junção não quer dizer que além de não andar, por exemplo, a pessoa com

deficiência também não possa ouvir e falar. Por mais absurdo que possa parecer, são inúmeras as situações em que uma pessoa com deficiência acaba ignorada e tratada como um ser humano de condição inferior.

Vamos citar algumas situações reais, relatadas por pessoas com deficiência. Maria, que anda em cadeira de rodas, estava com sua irmã mais nova em um restaurante. O garçom, muito solícito, olhou para as duas e perguntou para a Joana, que tinha 9 anos, qual o prato que as duas queriam. Ora, não seria correto o garçom perguntar à Maria, ou a ambas, qual seria a refeição do dia?

Outra situação relatada, também em um restaurante: um garçom serve refrigerante a uma pessoa com deficiência visual. Depois de uns poucos minutos, João - que tateia a mesa para pegar o refrigerante e colocar mais um pouco no copo - percebe que a latinha sumiu. Resolve, então, chamar o garçom para perguntar onde está o refresco. Fica mais surpreso com a resposta do que com o desaparecimento do refrigerante: "ah, eu dei para o seu coleguinha que está na mesa ao lado". Dois metros adiante, outro cego estava sendo servido pelo mesmo atendente.

Começar a citar casos é só começar. Aí vai mais um. Esse aconteceu com Sofia, tetraplégica, ao ser cumprimentada por um senhor que, sem saber, esticou a mão para um aperto de mãos. Quando ouviu a resposta que a pessoa não mexia os braços, ele saiu gritando: "ela não ouve, ela não ouve" - confundindo a tetraplegia com surdez.

Fica uma boa reflexão: por que confundimos tanto as deficiências e por que nos acanhamos quando algo dá errado? E mais: por que ficamos tão constrangidos na presença de pessoas com deficiência que, às vezes, preferimos ignorá-las?

Por fim, uma dica infalível: seja sincero e honesto, tolerante, bem-humorado, delicado e respeitoso. Isso vale para sua boa relação com todo mundo - pessoas com ou sem deficiência.

DEFICIÊNCIA FÍSICA

A deficiência física se refere ao comprometimento do aparelho locomotor, que compreende o sistema osteoarticular, o sistema muscular e o sistema nervoso. As doenças ou lesões que afetam esses sistemas, isoladamente ou em conjunto, podem produzir limitações físicas variáveis, dependendo da parte corporal afetada e do tipo de lesão ocorrida.

As causas da deficiência física são diversas e podem estar ligadas a problemas genéticos, complicações na gestação ou gravidez, doenças infantis ou acidentes. As causas pré-natais, ou seja, aquelas que acontecem antes da criança nascer, podem ser ocasionadas por remédios, álcool ou drogas tomadas pela mãe, tentativas de aborto mal sucedidas, perdas de sangue durante a gravidez, crises maternas de hipertensão, entre outras.

Durante o nascimento, ainda outras complicações podem comprometer os movimentos da criança, como por exemplo, problema respiratório na hora do nascimento, prematuridade, etc. Uma causa já erradicada no Brasil, mas que fez um grande número de crianças ficarem com deficiência física foi a poliomielite, mais conhecida como paralisia infantil. A pólio, como também é chamada, foi combatida graças às campanhas de vacinação. Por isso, não se esqueça de levar sempre as crianças para vacinar. É muito importante!

Outros motivos que deixam muitas pessoas com deficiências físicas são os acidentes de carro, a violência urbana, acidentes de mergulho, principalmente em água rasa, quando a pessoa quebra o pescoço, a hipertensão e a diabetes não cuidadas.

Dirija conforme as normas de trânsito, não reaja a assaltos, verifique sempre a profundidade dos rios e lagos onde for mergulhar e faça o acompanhamento médico para saber se a saúde vai bem. Prevenir é muito melhor do que remediar, pois muitas vezes não há remédio.

OS TIPOS DE DEFICIÊNCIA FÍSICA

A deficiência física engloba vários tipos de limitação motora. São elas:

- **Paraplegia:** paralisia total ou parcial dos membros inferiores, comprometendo a função das pernas, tronco e outras funções fisiológicas.
- **Tetraplegia:** paralisia total ou parcial do corpo, comprometendo a função dos braços e das pernas. O grau de imobilidade dos membros superiores depende da altura da lesão.
- **Hemiplegia:** paralisia total ou parcial das funções de um lado do corpo como consequência de lesões cerebrais.
- **Paralisia cerebral:** termo amplo para designar um grupo de limitações psicomotoras resultantes de uma lesão no sistema nervoso central. Geralmente, pessoas com paralisia cerebral possuem movimentos involuntários e espasmos musculares repentinos - chamados espasticidade. Esses espasmos também são verificados nas outras deficiências, mas em menor intensidade.
- **Amputação:** perda total ou parcial de um ou mais membros do corpo.



PARALISIA CEREBRAL, NANISMO E MOBILIDADE REDUZIDA

PARALISIA CEREBRAL

Algumas pessoas têm paralisia cerebral, o que não quer dizer deficiência intelectual. E por que colocamos este tópico no meio de deficiência física? Porque as pessoas que tem PC (abreviação muito usada) apresentam limitações físicas e motoras. Vamos explicar isso melhor.

Devido a alguma lesão, o cérebro envia informações em desordem para a realização de movimentos físicos. Assim, uma pessoa com PC pode apresentar expressões estranhas no rosto, dificuldades na fala, gestos involuntários e dificuldades de locomoção, mas não se intimide com isso. Elas mantêm a inteligência absolutamente intacta. Portanto, não as subestime: elas raciocinam como você.

Tenha paciência em ouvi-las, compreendê-las e acompanhar seu ritmo. Se a fala estiver muito enrolada, peça que repita. Se não conseguir compreender, pergunte. Procure sempre ter tempo para acompanhar essa pessoa, pois seu ritmo é bem mais lento.

Agora, o mais importante: não a trate como uma criança. A dificuldade do corpo em compreender as ordens do cérebro já é imensa, portanto, procure facilitar a sua relação com essa pessoa não a tratando com infantilidade.

NANISMO



Os anões são pessoas com estatura reduzida, que atingem entre 70 cm e 1,40 m na idade adulta. Por conta disso, os anões têm sérias dificuldades de locomoção em cidades planejadas para pessoas com estatura média ou alta.

Essa observação - de que os anões também precisam de acessos - levou essa parcela da população a ser considerada como pessoas com deficiência pelo Decreto Federal 5.296/2004. Mas as dificuldades que os anões enfrentam não ficam apenas no campo arquitetônico.

Os anões sofrem bastante com o preconceito. Muitas pessoas têm medo deles ou, então, os tratam com infantilidade ou ridicularização. Tem gente que atravessa a rua quando encontra com um anão. Desviam o olhar... Sabia que o maior índice de suicídio entre as pessoas com deficiência é na comunidade anã? Pois é...

Por causa da baixa estatura, os anões não conseguem acessar muitos ambientes, produtos e serviços de uso público, como balcões de atendimento, prateleiras em supermercados, degraus, transportes, caixas eletrônicos, mobiliário público e doméstico em geral (mesas, cadeiras, bancos, camas, estantes, armários, etc.).



Até quando fazem adaptações para pessoas com deficiência, não pensam no anão. Um caixa eletrônico, por exemplo. Tem casos em que o cadeirante consegue acessar um caixa eletrônico adaptado, mas mesmo este modelo - que é mais baixo - não serve para o acesso de um anão. Ele não consegue, por causa do comprimento dos seus braços, chegar nas teclas.

De qualquer forma, a indicação é: trate-os com respeito e consideração. É essa a receita.

MOBILIDADE REDUZIDA



Às vezes não é a deficiência em si que faz com que uma pessoa precise de algum tipo de adaptação. Um idoso, por exemplo, não é uma pessoa com deficiência, mas tem dificuldades em se locomover por locais que tenham escadas, desníveis e outros impeditivos para a livre circulação nos ambientes.

Isso porque ao envelhecer ficamos mais propensos a adquirir algumas doenças como esclerose, doenças do coração, artrite, entre diversas outras. Também as articulações enfraquecem e já não fica tão fácil a locomoção. Por isso, o idoso precisa de acessos mais simples, que facilitam muito a vida de quem tem mobilidade reduzida.

Outro exemplo é a pessoa obesa. Ela também tem algumas dificuldades quando o assunto é circular por aí. Em alguns lugares há degraus ou rampas muito acentuadas que dificultam a mobilidade dessas pessoas. Ainda existem os problemas de circulação nos ônibus, catracas apertadas, etc. Porém, o fator primordial são os assentos - que são pequenos e não adequados aos obesos.

Esse caso específico já tem uma solução em alguns Estados, como a Lei Estadual de Santa Catarina 7.801/2008 que obriga os teatros, cinemas, auditórios, estádios, ginásios de esporte, casas de espetáculos e salas de conferência, nos eventos públicos de natureza gratuita ou onerosa, a destinação de dois por cento dos assentos para acomodação de pessoas com deficiência visual e de pessoas com mobilidade reduzida, incluindo obesos, em locais de boa recepção de mensagens sonoras.



Regulamentos não faltam no Brasil. Parece que o que falta, mesmo, é a conscientização da importância do cumprimento dessas leis. Vamos fazer valer esses direitos!

No caso da Justiça Eleitoral, podemos verificar se, por exemplo, a central de atendimento ao eleitor conta com pelo menos um assento apropriado para que uma pessoa obesa aguarde até ser atendida.

Outro exemplo: nos locais de votação, podemos averiguar se contam com algum assento ou poltrona que possa ser ocupada caso um mesário seja obeso.

RECOMENDAÇÕES: CADEIRA DE RODAS E MULETAS

CADEIRA DE RODAS



Podemos nos perguntar por que não encontramos pessoas em cadeira de rodas a todo o momento por onde circulamos.

A primeira resposta pode ser porque, com certeza, boa parte desses locais não têm acessos para elas. Mas não é só isso. Claro que acessibilidades são fundamentais (como rampas, elevadores), mas restabelecer nossos parâmetros culturais abrindo as portas para o tema inclusão social é mais transformador.

A pessoa com deficiência precisa sair de casa, mas, para que isso aconteça, precisamos mudar a cultura da nossa sociedade. Começando pelos familiares e chegando até você, aluno deste curso.

E, para continuar o aprendizado, podemos embarcar em outros exemplos de situações que podem - e vão - acontecer com você. Vamos navegar por essas histórias?

A altura do olhar

Repare a altura entre você e seu amigo cadeirante. Antes de esticar a conversa com ele, procure ficar no mesmo nível do seu olhar. É muito incômodo para o cadeirante ter que olhar para cima durante muito tempo. Sempre que puder, procure sentar ou ficar na mesma altura do olhar de um cadeirante. Uma conversa olho no olho também demonstra mais respeito, não acha?

Ajudando a guiar a cadeira

Quando for ajudar um cadeirante a guiar sua cadeira de rodas, não pense que é a mesma coisa do que empurrar um carrinho de supermercado. Lembre-se de nunca movimentar uma cadeira de rodas sem pedir permissão para quem está sentado nela.

Imagine a situação: você está ajudando um cadeirante a chegar até sua seção eleitoral. No caminho, encontra um eleitor que gostaria de ter alguma informação. Pronto, ficam alguns minutos ali, trocando figurinhas.

Pois é, pense que, na nossa situação hipotética, muitas vezes a cadeira de rodas acaba ficando virada para a frente, de forma que o cadeirante fica de costas para vocês. Então, tome cuidado para não deixar um cadeirante de fora da conversa. Lembre-se sempre de virar a cadeira de rodas para que a pessoa com deficiência possa ficar de frente aos seus interlocutores. Afinal, ele pode querer interagir também, dando sua opinião e contribuição.

Ah! Mais uma coisinha: nada de sair correndo. Isso não é bom nem com o carrinho de supermercado, nem com o seu próprio carro (acidentes de carro podem ocasionar deficiências, seja em você, seja em outra pessoa) e muito, muito menos com uma cadeira de rodas que tem uma pessoa sentada. Não faça isso de jeito nenhum!

Também tem gente que acha que o colo ou a cadeira da pessoa com deficiência é guarda-volumes. Não se esqueça de que a cadeira de rodas é quase a extensão do corpo do seu dono. Você também não gostaria que todos que chegassem perto de você colocassem a bolsa no seu ombro, né?

Subindo e descendo pequenos desníveis

Quando for ajudar uma pessoa na cadeira de rodas a subir um degrau, apoie na manopla da cadeira e levante as rodinhas que ficam à frente da cadeira de modo a alcançar o desnível. Transposto o obstáculo com as primeiras rodas, as duas outras, maiores, tendem a passar com mais facilidade. Mas, cuidado! Essa manobra requer força e muita segurança.

Se for ajudar uma pessoa tetraplégica a descer um degrau ou qualquer inclinação, procure sempre fazer de marcha ré. Assim, o cadeirante fica encostado na cadeira e mais seguro com o seu próprio corpo.

No caso de pessoas com paraplegia, elas preferem transpor os degraus de frente. Neste caso, só ajude se ela pedir sua ajuda.

Se você presenciar um tombo de uma pessoa com deficiência, ofereça ajuda imediatamente, mas nunca ajude sem perguntar se e como deve fazê-lo. Saiba que a pessoa que está ali no chão não consegue fazer alguns movimentos e precisa, se ela quiser, de um apoio para se recolocar na cadeira. Seja um cidadão consciente. Isso ajuda e muito!

Não precisa se acanhar em usar palavras como “correr” ou “andar”. As pessoas com deficiência física empregam naturalmente esses verbos. Todo mundo está correndo atrás de algo, não é mesmo?

MULETAS



Pessoas que usam muletas têm um pouco mais de autonomia do que aquelas que andam em cadeira de rodas, mas, ainda assim, podem precisar de ajuda em algumas situações. A receita é a mesma: sempre se informe e pergunte se pode ajudar e como deve proceder. Ofereça sua ajuda, mas dê preferência para que a pessoa peça.

Se você ficar responsável por guardar as muletas de uma pessoa, procure deixá-las sempre ao alcance do seu usuário. Se houver um outro meio para a pessoa se deslocar, guarde as muletas em local adequado e devolva-as assim que pedido. Lembre-se de pedir licença para pegar as muletas.

Ao caminhar, respeite o ritmo de andar da pessoa com deficiência. Mantenha-se ao seu lado, mas não atrapalhe seu espaço de deslocamento.

Como dependem das muletas para manter o equilíbrio, alguns movimentos com os braços podem se tornar um pouco difíceis. Abrir portas, por exemplo, ou pegar um documento de dentro da bolsa caso a pessoa esteja de pé, sendo atendida no balcão. Fique atento e procure oferecer ajuda quando perceber alguma dificuldade.

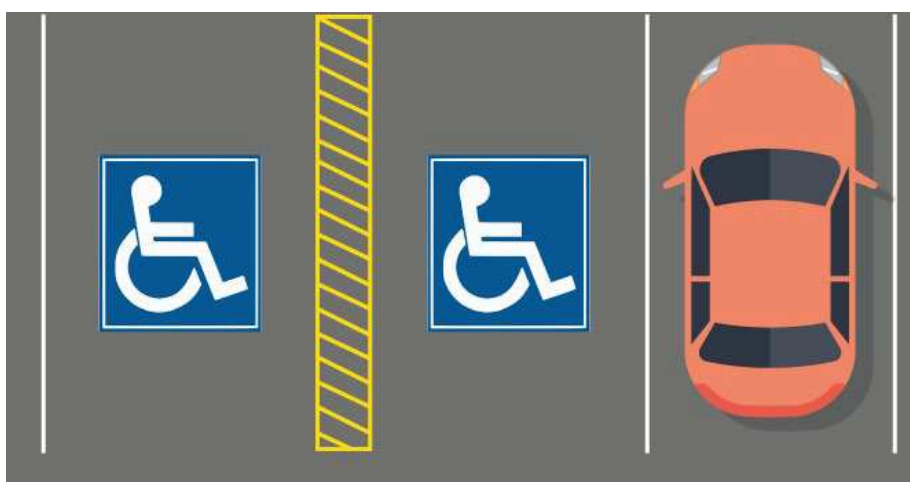
SEJA ACESSÍVEL!

Algumas atitudes são essenciais para que as pessoas com deficiência física tenham sua mobilidade garantida. Fique atento a elas:

- **Nunca pare nas vagas de estacionamento destinadas às pessoas com deficiência.**

Os “cinco minutinhos” que muitas pessoas alegam para usar a vaga reservada fazem muita falta quando uma pessoa com deficiência precisa estacionar nesse lugar. Não deve ser por acaso que alguém reservou uma vaga, pintou com as cores do símbolo internacional de acesso e marcou as medidas, que inclusive são maiores do que as das vagas normais, porque tem de se prever a transferência da pessoa para uma cadeira de rodas, por exemplo.

Outra coisa: se todas as outras vagas são preferenciais para quem não tem deficiência, por que é preciso estacionar logo na que está reservada?



- **Não estacione em frente às guias rebaixadas.**

Quem estaciona em frente às guias rebaixadas interfere no direito de ir e vir de quem precisa do acesso criado pelo rebaixamento. Mentalize a situação: um carro parado em frente à guia rebaixada de uma esquina e uma pessoa, na cadeira de rodas, tentando atravessar a rua pela faixa de pedestres e, claro, precisando usar o rebaixamento para chegar à calçada. Impossível, não?

- Além dessas situações do cotidiano, **esteja atento para a existência de barreiras arquitetônicas nos locais de votação, cartórios e demais edifícios onde acontece o trabalho da Justiça Eleitoral.**

Verifique qualquer tipo de impedimento para a circulação de pessoas como, por exemplo, degraus, desníveis, falta de rampas, portas estreitas, entre outras dificuldades. Também repare se há rampas no lugar de degraus, elevadores e outras acessibilidades para o deslocamento de uma pessoa com deficiência, um idoso ou obeso.

Caso necessário, converse com a Comissão de Acessibilidade do TRE-SC a fim de levantar soluções.



Sugestão de Filmes:

Murderball

Gênero: Documentário / Duração: 88 min. / Ano: 2005

A superação de pessoas paraplégicas que encontram um novo sentido para a vida através do esporte.

My flesh and blood

Gênero: Documentário / Duração: 90 min. / Ano: 2003

Narra um ano na vida da família Tom. Susan Tom adotou onze filhos, a maioria com sérias deficiências ou doenças.

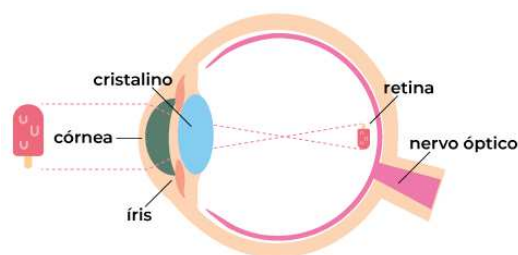
DEFICIÊNCIA VISUAL



Há muitos tipos de deficiência visual. Algumas pessoas vêem apenas o que está diretamente na sua frente e nada do que está ao lado - o que chamamos de visão tubular; outras enxergam os objetos como um quebra-cabeças em que faltam uma ou duas peças. Ainda há pessoas que têm baixa visão, ou seja, enxergam muito pouco, mas, ainda assim, são capazes de utilizar a visão para o planejamento e execução de uma tarefa. E, claro, tem aquelas que não vêem absolutamente nada.

A gravidade da deficiência visual depende da parte dos olhos que estiver danificada. Você sabe como funciona a nossa visão? Vamos a uma pequena aula extraída do livro *Conversando sobre as deficiências*, de Jenny Bryan:

A luz atravessa o olho absorvida pela pupila. Essa luz é, então, focalizada pelo cristalino - uma lente que fica logo atrás da pupila - e a imagem se forma em uma área no fundo do olho chamada retina. As informações sobre essa imagem registrada na retina são transmitidas pelos nervos ao centro de visão do cérebro, que as decodifica.



Algumas pessoas não conseguem focar muito bem as imagens sobre a retina, por isso enxergam mal e usam óculos. Outras têm uma fissura na retina e qualquer imagem que incidir nessa área danificada não pode ser registrada. Já a visão tubular ocorre se a pressão interna do olho ficar muito alta e interferir no suprimento de sangue para a retina.

Outras vezes, o defeito é no centro da visão, localizado no cérebro. Isso significa que, embora os olhos não tenham nenhum problema, o cérebro não consegue decodificar os sinais vindos da retina de cada olho.

As pessoas com deficiência visual, ou seja, pessoas que têm baixa visão ou cegueira, precisam também de auxílio para usufruir de alguns recursos que a sociedade oferece. Faz parte do apoio às pessoas cegas, por exemplo:

- o Sistema Braille para leitura e escrita - são aquelas bolinhas que ficam salientes em um papel;
- a reglete, utilizada por muitos cegos para escrever o braille;
- o sorobã, que é uma caixinha que ajuda na execução de cálculos matemáticos;
- a bengala;
- o cão-guia para a sua locomoção e mobilidade.



Sistema Braille



Reglete



Sorobã

Existem *softwares* específicos para que pessoas com deficiência visual tenham acesso a computadores, por exemplo. Também foram desenvolvidas várias outras tecnologias para dar autonomia aos cegos, como elevadores, telefones, relógios e outros, com comandos de voz. As pessoas com baixa visão também podem precisar de algum tipo de apoio.

Isso não quer dizer, necessariamente, que essas pessoas precisem da sua ajuda. Aliás, essa dica é básica e vai fazer parte de todos os tópicos deste manual. Afinal, imagine-se andando pela rua e, em cada esquina que você atravessar, ter alguém perguntando se você precisa de alguma coisa. Chato, não? Claro que, no caso das pessoas com deficiência, algumas vezes a ajuda é necessária.

Se você se deparar em uma situação na qual o apoio é imprescindível, aproxime-se, diga o seu nome e ofereça seu auxílio. Mas nunca ajude sem antes perguntar como deve fazer.

VISÃO SUBNORMAL

A visão subnormal não deve ser confundida com a cegueira, pois quem tem essa deficiência possui uma visão que pode, eventualmente, ser melhorada por meio de técnicas e auxílios especiais, como o uso de óculos, lentes de contato ou eventuais tratamentos e cirurgias oftalmológicas.

No adulto, as causas mais comuns da visão subnormal são: a coriorretinite macular, a degeneração macular senil, a retinose pigmentar, toxoplasmose, as atrofias do nervo ótico, a alta miopia, a retinopatia diabética e o glaucoma. Nas crianças, são causas comuns: a desnutrição, a coriorretinite macular, a catarata congênita, o glaucoma congênito e a atrofia ótica, que também podem levar à cegueira.

A diminuição da capacidade visual pode vir acompanhada também de alteração do campo visual. A pessoa com visão subnormal pode enxergar como se olhasse por um tubo ou pode apresentar uma grande mancha escura na parte central da visão ao tentar fixar um objeto. Muitas delas têm enorme dificuldade para ler e reconhecer pessoas e objetos.

Pedagogicamente, diz-se que uma pessoa tem visão subnormal quando ela lê tipos impressos ampliados ou com o auxílio de potentes recursos ópticos. Na imagem, veja um exemplo de lupa eletrônica.

Embora o uso da bengala seja essencial para a segurança de pessoas com visão subnormal, principalmente para transitar em lugares mal iluminados, para sua locomoção à noite ou ao atravessar ruas, infelizmente, poucas pessoas com essa deficiência utilizam esse recurso.



Fonte: <http://www.stargardt.com.br/recursos-oticos-que-potencializam-o-residuo-visual/>

Observa-se uma grande resistência ao uso da bengala - tanto pelas pessoas com visão subnormal, quanto pelos seus familiares - por causa do preconceito que ainda existe em relação à cegueira e ao cego.

RECOMENDAÇÕES: DEFICIÊNCIA VISUAL

AO ENCONTRAR A PESSOA

Ao se encontrar com uma pessoa cega, caso você não a conheça, **toque em seu braço**, se apresente e então inicie a conversa. Se você já conhecê-la, toque no seu braço e diga o seu nome.

Outro detalhe é **nunca se afastar sem anunciar** que está saindo do lado dela. Às vezes, a pessoa cega fica chamando alguém que já está a metros de distância.

APRESENTANDO UMA PESSOA

Se você quiser apresentar essa pessoa para outros, faça-o tomando alguns cuidados.

Por exemplo, nunca se esqueça de **virar a pessoa cega para a frente de quem quer apresentar**, assim você evita que ela possa estender a mão para o vazio que fica do lado contrário dessas pessoas.

Mais uma coisa: quando for apresentar uma pessoa com deficiência visual a outros, avise-os sobre a deficiência. Esse procedimento facilita a interação entre as duas pessoas, pois não dá oportunidade para possíveis situações embaraçosas.

Não tem mal nenhum em dizer: “Fulano, esse é Beltrano, ele tem deficiência visual”. Não é um rótulo, é uma informação. E estamos aprendendo aqui que determinadas informações são valiosíssimas, pois desmistificam muita coisa, não é?

APRESENTANDO UM AMBIENTE

Ao receber uma pessoa cega no seu local de trabalho ou na sua casa, faça uma **primeira visita monitorada** dizendo onde ficam os cômodos desses locais. Quando você explica a localização de cada área, você dá autonomia para que a pessoa cega possa ir a qualquer uma delas quando quiser. Por exemplo, se essa pessoa quiser ir ao banheiro, não vai precisar ficar perguntando ou dependendo do favor de quem quer que seja.

Ao explicar as direções, seja o mais claro possível e, de preferência, indique as distâncias em metros. Pode usar também expressões como direita, esquerda, frente e atrás. Mas nunca aqui e ali - que não dizem nada para quem não enxerga.

Ah! Também nunca deixe portas entreabertas; elas devem estar ou totalmente abertas ou totalmente fechadas. Conserve os corredores e os lugares de passagem livres de obstáculos e sempre avise se a mobília for mudada de lugar.

Agora, se você for levar uma pessoa cega a um ambiente novo, diga-lhe, muito discretamente, onde estão os objetos, mobílias e cômodos. Avise também quem são as pessoas que estão nesse lugar.

EM UMA REUNIÃO

Agora vamos nos concentrar para imaginar a seguinte cena. Você vai participar de uma reunião sobre distribuição de urnas com outras pessoas que ainda não conhece e, como é de praxe, antes de se sentarem em volta da mesa, você se apresenta e troca cartões com todas elas. Quem entende muito desse assunto é o seu colega Fernando, que tem deficiência visual.

Ele está um pouco atrasado e pediu para você adiantar o encontro para não perderem tempo. A reunião já está avançada quando o Fernando entra e se senta. Passa-se, então, toda a reunião e Fernando permanece calado. Você estranha muito e, quando chega ao final, depois das despedidas, pergunta para ele por que não se pronunciou, já que sabe tudo sobre o tema. Enfim, ele responde: “Ora, eu não sabia quais eram as pessoas que estavam na sala. Como iria me posicionar sem saber com quem estou conversando?”. Ops. Você pensa: “que gafe!”.

Por isso, sempre que estiver em um local de reunião com uma pessoa com deficiência visual, **diga o nome das pessoas que estão ali** e onde estão posicionadas, para que ela possa saber e se direcionar ao seu interlocutor.

PLATEIAS COM USO DE MICROFONE

Assim como em uma reunião, quando uma pessoa com deficiência visual vai até um evento em que há muitas pessoas e uso de microfone, é comum que ela não saiba onde a pessoa que está falando se encontra.

Por isso, se você for falar em um evento como esse, há algumas dicas de como ajudar as pessoas com deficiência visual a localizarem você.

Primeiramente, **anuncie no microfone que irá falar por alguns momentos sem amplificação de voz** a fim de que pessoas com deficiência visual possam saber sua localização. Deixe o microfone de lado e se dirija ao público, projetando sua voz naturalmente, enquanto descreve o ambiente e onde você se encontra. Depois disso, pode voltar a usar o microfone e fazer uso da palavra normalmente.

Se possível, avise o pessoal da técnica de som e/ou o mestre de cerimônias, para que eles não pensem que há algum problema com a sonorização. Caso não seja possível avisar previamente a organização, seja ainda mais assertivo na explicação prévia.

AO SENTAR

Ao conduzir uma pessoa cega para se sentar, **direcione suas mãos por trás do encosto do assento**, seja uma cadeira, banco etc. Não esqueça de avisá-la se o assento tem ou não braços, assim ela pode se orientar em relação ao espaço e às pessoas presentes.

Já no automóvel, coloque a mão da pessoa cega na lateral da porta e, em seguida, no encosto do assento. Com essas orientações, ela pode entrar sozinha no veículo.

Agora, essa dica é a mais importante: se você estiver com uma pessoa cega no interior do carro, certifique-se de que seus dedos estejam bem seguros. Qualquer desfalque nas mãos para um cego é péssimo, pois o mundo lhe é sentido por meio do tato. Ajude a cuidar bem dessa preciosa riqueza da pessoa cega: os dedos.

AUXÍLIO NO BANHEIRO

Quando você for ajudar uma pessoa cega a fazer uso do banheiro, procure ser natural, afinal, fazer ir ao banheiro não é coisa do outro mundo. Num local público, por exemplo, procure **descrever a posição dos equipamentos** presentes no ambiente, isso facilita a autonomia dessas pessoas.

Mas tome alguns cuidados: veja antes se o local a ser utilizado está limpo e diga onde estão o rolo de papel higiênico e o cesto; se possível, ou em caso de necessidade, espere pela pessoa, leve-a até a pia

para lavar as mãos e informe a localização de toalhas e/ou secador de mãos; se a pessoa com deficiência for do sexo oposto, procure alguém do mesmo sexo para ajudá-la.

Aja com naturalidade, assim, a pessoa que for ajudar também agirá.

O CÃO-GUIA

Você já deve ter ouvido falar desse cão, que acompanha a pessoa com deficiência visual servindo-lhe de olhos. Como o próprio nome sugere, o cão-guia é responsável pela autonomia do cego. Bem treinado, ele enfrenta com domínio e tranquilidade o desafio de facilitar o acesso e conduzir com segurança as pessoas com deficiência visual.

Nunca acaricie ou dê alimentos a esse animal. Os cães-guia têm um trabalho de muita responsabilidade e, de acordo com seu treinamento, qualquer recompensa - seja comida ou carinho - é uma forma de avisá-lo que está em seu momento de folga. Essas interferências desmobilizam a guarda e atenção do cão e podem colocar em perigo a vida da pessoa com deficiência visual. Muito cuidado!



O cego pode entrar na seção eleitoral acompanhado de seu cão guia? Claro!

A Lei Federal nº 11.126/2005 assegura a essas pessoas o direito de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhadas de seu cão-guia.

AJUDA NA RUA



Caso a pessoa cega precise se locomover como atravessar uma rua, por exemplo, e tenha aceitado a sua ajuda, coloque a **mão dela no seu cotovelo dobrado ou no seu ombro**, e deixe que ela acompanhe o seu corpo enquanto vai andando.

Avise, sempre com antecedência, sobre obstáculos: se existem degraus, pisos escorregadios, buracos ou qualquer outro obstáculo que possa impedir a livre circulação de vocês durante o trajeto.

Em um corredor estreito, onde só pode passar uma pessoa, vá à frente e coloque seu braço para trás de modo que a pessoa cega possa continuar a seguir você.

Detalhe: não ande como uma tartaruga, mas não pense em correr como uma lebre. Lembre-se sempre de usar o bom senso.

Lembra da dica que fala que a cadeira de rodas é como uma extensão da pessoa com deficiência física? Então, a bengala é como uma extensão da pessoa com deficiência visual. Portanto, não a puxe pela bengala e nem tente guiá-la por esse equipamento.

Mais uma coisinha: se você perceber que a pessoa cega está com a blusa do avesso, as meias trocadas ou com os botões fora de ordem, não tenha receio de avisá-la. Mas, faça-o com cuidado e discretamente. Ninguém quer que o mundo saiba que deu uma bola fora dessas, né?

CONCLUINDO

Todas as deficiências têm características próprias e acessibilidades necessárias. É importante conhecer todas elas para que confusões não sejam feitas.

Por exemplo, algumas pessoas, sem perceber, falam em tom de voz mais alto quando conversam com pessoas cegas. A menos que a pessoa também tenha deficiência auditiva, não faz nenhum sentido gritar. Fale em tom de voz normal.



Sugestão de Filmes:

Perfume de mulher. Gênero: Drama / Duração: 156 min. Ano: 1992

Janela da Alma. Gênero: Documentário / Duração: 78 min. Ano: 2001

DEFICIÊNCIA AUDITIVA

A deficiência auditiva é a redução ou ausência da capacidade de ouvir determinados sons, em diferentes graus de intensidade, devido a fatores que afetam a orelha externa, média ou interna. As características da surdez dependem do tipo e da gravidade do problema que a causou e se é pré-linguística, adquirida antes da fala, ou pós-linguística.

A surdez de **grau leve** pode ser observada quando as pessoas não se dão conta de que ouvem menos e tendem a aumentar progressivamente a intensidade da voz, porém, ouvem qualquer som desde que em volume mais alto (na maioria dos casos, não há necessidade de aparelhos de amplificação sonora individual - AASI).

Quando a surdez passa a ser **moderada**, a pessoa, normalmente, fala muito “hein?!”, tem dificuldade de ouvir ao telefone, faz troca nos sons da fala e precisa de apoio visual.

Já a **surdez severa** faz com que as pessoas não escutem sons importantes do dia-a-dia: fala, campainha e TV, por exemplo, e escutem apenas sons fortes.

Por fim, a **surdez profunda** impede que a pessoa escute a maioria dos sons, percebendo apenas os sons graves que transmitem vibração, como um avião, trovão...

Se a surdez moderada, severa ou profunda for de nascimento ou adquirida no período pré-linguístico, haverá prejuízo na aquisição da linguagem oral pela criança e ela necessitará de amplificação sonora e educação bilingüe (Libras - Língua Brasileira de Sinais / Língua Portuguesa).

Assim que descoberta a surdez, a criança e a família deverão conviver com adultos surdos e ouvintes fluentes em Libras para que possam adquiri-la e ter acesso ao mundo do conhecimento, da informação e da comunicação.

A surdez pode ser decorrente de problemas nos períodos pré-natal (congenita), perinatal e pós-natal (adquirida).

- As principais causas da surdez congênita são a hereditariedade, viroses maternas (rubéola, toxoplasmose, citomegalovirus, entre outras) e o uso de drogas consideradas ototóxicas durante a gravidez.
- No período perinatal, os partos traumáticos (demorados demais), a prematuridade (peso abaixo de 1500 gr) e a icterícia intensa do recém-nascido podem provocar perda auditiva.
- No período pós-natal, infecções como meningite e caxumba, fatores ambientais, como exposição a ruído excessivo e uso de drogas ototóxicas podem tornar surdas pessoas com audição normal.

**Dica muito importante:**

A PREVENÇÃO é uma forte aliada contra a deficiência auditiva e a surdez. Tome cuidados como a vacinação contra a rubéola, caxumba, meningite e sarampo (na mãe e filho), não ingira remédios sem acompanhamento médico e, quando tiver filhos, faça o Teste da Orelhinha.

Procure, também, não freqüentar ambientes com barulhos ou ruídos muito altos. A qualquer diferença na audição, procure um médico.

O SURDO

Para um bom começo de relacionamento com uma pessoa surda, comece por chamá-la de surda. Risque da agenda os termos surdo-mudo, surdinho, mudinho. Mudo é quem não consegue falar. O surdo pode falar, mas isso depende do quanto ele percebe auditivamente a fala e do quanto ele sabe sobre a Língua Portuguesa.

Além disso, ele se comunica, sim, mas usa uma língua diferente da que nós, ouvintes, usamos. Ele usa a Língua Brasileira de Sinais, que é uma língua de modalidade visual-espacial, oficializada como língua pela Lei Federal 10.436, de 2002. Não subestime as diferentes formas de comunicação que as pessoas podem desenvolver.

A surdez/deficiência auditiva é a que mais particularidades apresenta e a de mais difícil interação na sociedade. A comunidade surda costuma se isolar por se sentir incompreendida, a começar pela sua língua diferenciada, que poucas pessoas conhecem.

A Libras é produzida com diferentes configurações de mãos, localizadas em diferentes partes do corpo (do alto da cabeça, à linha da cintura e um pouco além dos ombros), realizando vários movimentos. A orientação das palmas das mãos, assim como a expressão facial e o movimento corporal (conhecidos como traços não-manuais) também são fundamentais na produção dos sinais.

A Libras é uma língua distinta, e cabe esclarecer que surdos que entendem Libras não necessariamente falam português.

Os surdos mais oralizados, muitas vezes, preferem se comunicar por meio da fala e da leitura oro-facial (dos movimentos dos lábios e dos músculos da face).

Para um surdo, é uma questão absolutamente coerente pensar que o sol faz barulho quando toca o chão, assim como a chuva quando cai. Nunca nos pegamos pensando sobre isso porque simplesmente sabemos que a chuva faz barulho e o sol não. Mas, para o surdo, todos os barulhos têm de ser explicados e relacionados. Aliás, sabe como um surdo bate palmas? Fazendo sucessivas meias-voltas com as mãos...

A CONVIVÊNCIA

O segredo, como você bem reparou, é sempre o mesmo: **respeito**. Se for conversar com uma pessoa surda, dirija-se a ela. Os surdos que aprenderam a fazer leitura labial vão se comunicar com você. Caso ele não conheça esse recurso, com certeza, vai pedir ajuda. Mas dirija-se a ele. Ah! Antes desse contato, você tem de chegar até a pessoa surda. Quando se aproximar, toque no seu braço (leia abaixo sobre o toque) ou acene para chamar sua atenção.

Mais uma coisinha. Quando for conversar com o surdo, fique de frente para ele, o que facilita a leitura labial. Fale normalmente - nem é preciso dizer que não adianta gritar - e pausadamente, palavra por palavra. Procure não desviar o olhar. Se você o fizer, o surdo pode achar que a conversa terminou.

A expressão facial é fundamental para a comunicação com a pessoa surda. Portanto, seja expressivo ao falar, mas não exagere. Mudanças sutis na entonação da voz para indicar sentimentos não são comunicações válidas, por isso, expresse corporalmente e facialmente o que quer dizer. Procure não obstruir a visualização do seu rosto.



Uma curiosidade: pessoas que usam bigode comprido não são interlocutores possíveis para os surdos. Imagine-os tentando fazer leitura labial do sr. Bigode...

O TOQUE

Importantíssimo este item. Não se assuste, os surdos tocam você. Com suavidade e respeito, o surdo usa o toque da mão para chamar sua atenção, para iniciar uma conversa, para pedir licença. Essas particularidades podem dificultar ainda mais a convivência social do surdo. Muitas pessoas não gostam de ser tocadas, pois acham essa aproximação uma intimidade não permitida a quem não se conhece.

Como exemplo, vamos imaginar a situação: um surdo no metrô lotado, às 6 horas da tarde, tentando descer numa estação. Ele não consegue pedir a cordial “licença, licencinha”... O que ele faz? Ele toca as pessoas e sorri. Você, completamente leigo, imagina: “que pessoa desaforada, me tocando assim...”

Preste atenção antes de vociferar no meio da multidão. Verifique se a pessoa em questão é surda e está, simplesmente, pedindo passagem. Como descobrir? Pela sua expressão facial.

Outra particularidade: como os surdos utilizam as mãos para se comunicarem, ter as mãos livres é muito importante. Se estão em um ambiente tomando algo, irão precisar de uma mesa para deixar o copo e demais pertences. É comum em reuniões com surdos verificar que eles se aglomeram em torno de uma mesa. Caso você vá organizar um espaço de conversa com surdos, tenha isso em mente.

A COMUNICAÇÃO

A Libras é um sistema lingüístico legítimo e natural, utilizado pela comunidade surda no Brasil, de modalidade visual-espacial e com estrutura gramatical independente da Língua Portuguesa. A Libras é muito difundida, principalmente o alfabeto gesticulado pelas mãos, chamado Alfabeto Manual ou Datilológico.

Para estabelecer a comunicação informal com os surdos, procure usar a Libras, se souber. Caso contrário, perceba se o surdo que está à sua frente faz a leitura labial. Se ele fizer, a comunicação pode se estabelecer pela fala.

Outra opção, se ele souber ler e escrever, é utilizar a escrita. O importante é se comunicar com os surdos. Em situações formais, como entrevista, locais públicos, entre outros, garanta a presença de alguém que saiba Língua de Sinais para evitar mal entendidos.

Em eventos, sempre procure contratar um intérprete de Libras. O direito dos surdos a intérpretes está previsto no Decreto nº 5.296, de 2004, no artigo 26, estabelece que:

“as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação”.

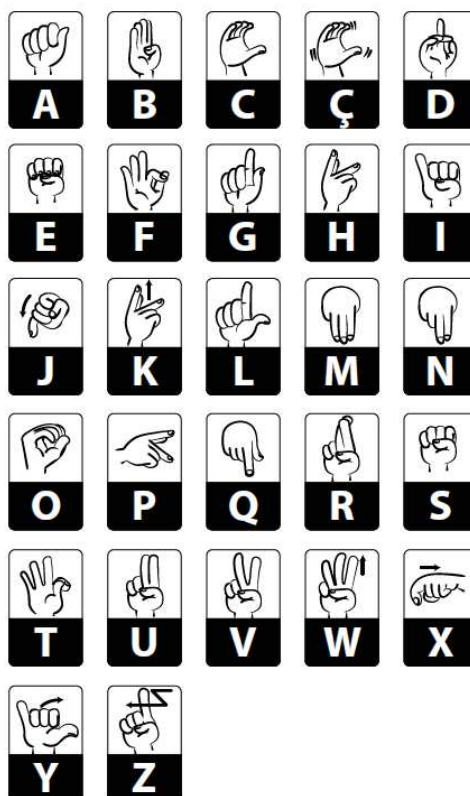
A língua de sinais é uma língua como a portuguesa, inglesa, italiana, ou seja, tem gente que aprendeu o português e o inglês, só o português ou só a Libras. Parte dos surdos não conhece a Língua Portuguesa e se comunica apenas pela Libras, daí a importância de colocar – como no horário eleitoral gratuito – intérpretes de Libras para fazerem a tradução. É a mesma coisa de você estar em um encontro com muitas pessoas que falam alemão e você não saber nada dessa língua. Se não houver um intérprete para o português, como você faz? Não faz!

É interessante saber que a Língua Brasileira de Sinais, como o próprio nome já diz, é um sistema lingüístico brasileiro. Outros países têm outras línguas de sinais. Assim, a língua de sinais não é universal, embora, por ser visual-espacial, não seja muito difícil de ser compreendida pelos surdos de outros países.

Nem sempre as pessoas surdas que conseguem falar têm boa dicção. Portanto, não se sinta incomodado se precisar pedir que ela repita as frases caso não tenha entendido alguma coisa. A maioria dos surdos não se incomoda de repetir até que se entenda o que querem falar.

Por último, se acontecer alguma emergência, fique calmo. Os surdos têm, normalmente, um papel com endereço e telefone de contato.

Alfabeto Manual



Sugestão de Filmes:

Filhos do Silêncio. Gênero: Romance / Duração: 119 min. Ano: 1986

James é um professor de linguagem de sinais recém-contratado em uma escola para surdos, onde conhece a jovem Sarah, uma antiga aluna da escola. À medida que se aproxima para tentar ajudá-la, James se apaixona por ela.

A Música e o silêncio. Gênero: Drama / Duração: 110 min. Ano: 2000

Martin e Kai são os pais de Clara, uma menina que passa a infância interpretando conversas para os pais que são surdos, já que ela escuta e é fluente na língua dos sinais. Clara se apaixona por música após ganhar um clarinete da tia, um mundo de que seus pais não podem participar.

O Som do Metal. Gênero: Drama / Duração: 110 min. Ano: 2019

A vida de um jovem baterista muda totalmente quando ele percebe que está perdendo a audição. As suas duas grandes paixões estão em jogo: a música e a sua namorada, integrante da mesma banda de heavy metal de que ele faz parte. Nominado a seis Oscar em 2021.

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

A deficiência intelectual, ou deficiência mental, de acordo com a *American Association on Intellectual and Development Disabilities* - AAIDD (Associação Americana de Deficiência Intelectual e do Desenvolvimento), consiste no:

(...) funcionamento mental significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento, concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa, ou da sociedade, no seguintes aspectos: comunicação, cuidados especiais, habilidades sociais, desempenho na família e comodidade, independência na locomoção, saúde e segurança, desempenho escolar, lazer e trabalho.

Quando falamos de deficiência intelectual é comum as pessoas fazerem uma relação imediata com a doença mental. Não se engane, pois não é. A doença mental configura-se pela alteração da percepção individual e da realidade, o que, nem sempre, acontece com pessoas com déficit intelectual, as quais não apresentam sintomas patológicos verificados nas doenças mentais como as neuroses graves, psicoses agudas ou casos de demência.

Portanto, a primeira regra de relacionamento com pessoas com deficiência intelectual é: não tratá-las como doentes. Isso pode prejudicar os processos de mediações, trazendo sérias consequências ao seu desenvolvimento. Não podemos esquecer que elas são saudáveis.

Resumindo: **não confunda deficiência intelectual com doença mental.**

Mas vale lembrar algumas boas dicas, como: se a pessoa com deficiência intelectual for uma criança, trate-a como uma criança. Se for um adulto, trate-a como um adulto. Se for adolescente, trate-a como tal. Devemos agir naturalmente, percebendo e respeitando as diferenças.

As pessoas com deficiência intelectual levam mais tempo para aprender e compreender solicitações. Tenha paciência e explique quantas vezes forem necessárias para que ela possa entender o que está sendo pedido. Não desanime caso haja retornos negativos, o importante é favorecer essa integração, sempre estimulando para que elas possam cooperar e se relacionar. Ah! Posturas positivas, nada de desestímulos.

Uma orientação principal: não seja superprotetor. Permita que a pessoa com deficiência intelectual - que mantém íntegras a percepção dela mesma e da realidade - faça ou tente fazer sozinha tudo o que puder. Auxilie apenas no que for estritamente necessário. É preciso observar e aprender o ritmo das pessoas, afinal, cada um tem o seu.

As pessoas com deficiência intelectual levam mais tempo para executar determinadas tarefas. Desta forma, repita a orientação de forma clara e simples até que seja compreendida.

Quando for conversar, fale de maneira adequada (nem tão rápido quanto uma locução de futebol, nem tão lento que pareça uma vitrola em baixa rotação) e não use diminutivos. Expressões como “que coisinha da mamãezinha mais lindinha” são completamente inadequadas.

UM PEDIDO...

Se for pedir alguma coisa para uma pessoa com deficiência intelectual e notar que ela não consegue fazer, mostre um modelo e certifique-se de que compreendeu. Respeite seu ritmo. Pode demorar, mas você terá uma surpresa com o resultado.

Importante também é explicar quais são as posturas que têm de ser adotadas: como se comportar, por exemplo. Condutas inadequadas têm de ser trabalhadas e orientadas de forma firme e clara. Mas não se assuste se ouvir um xingamento: pessoas com deficiência intelectual também sentem raiva, tristeza, desejos e descontentamento com ordens severas como qualquer pessoa.

MEU NOME É JOÃO!

Nunca chame uma pessoa com deficiência pelo seu quadro clínico. “Olá, fulano, esse aqui é aquele meu primo que tem deficiência intelectual”. Pior ainda se sair algo como “ele é doente mental”. Afinal, já percebemos que certos termos são PEJORATIVOS e não devem ser usados. Nunca. Nunca. Nunca.

Como fazer? “Olá, Maria, esse é o meu primo João”. “João, essa é a Maria, uma grande amiga minha que quero que você conheça”. Viu, é simples.

JOÃO NO TRABALHO

Ao contrário do que muita gente pensa, pessoas com deficiência intelectual podem e devem trabalhar. Estabelecer esse contato de trabalho e tornar as pessoas economicamente ativas faz parte da arte de inseri-las na sociedade. A sugestão aqui é estabelecer uma ROTINA de trabalho para elas. Coisas simples, mas bem explicadas, funcionam como um toque de magia para que o dia transcorra produtivamente.

CALMA!

Se você encontrar na rua uma pessoa com deficiência intelectual que esteja perdida, em primeiríssimo lugar, tente acalmá-la. Elas costumam ficar muito nervosas quando estão em situações inusitadas.

Depois, faça perguntas simples sobre como ajudar. Pergunte também se ela possui algum cartão de identificação. É comum que as pessoas com deficiência intelectual andem com esse tipo de cartão com dados como endereço, telefone de contato, etc.



Sugestão de Filmes:

Do luto à luta. Gênero: Documentário / Tempo de Duração: 75 min. Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Forrest Gump. Gênero: Drama / Duração: 133 min. / Ano: 1994

MITOS E VERDADES SOBRE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Vamos conhecer alguns mitos e verdades sobre as pessoas com deficiência intelectual:

MITO	VERDADE
Pessoas com deficiência intelectual são doentes	Já descobrimos que elas não têm uma doença e sim uma deficiência.
São agressivas e perigosas, dóceis ou cordiais	As pessoas com deficiência intelectual, assim como as demais pessoas, refletem o ambiente em que vivem. Afinal, a personalidade é socialmente construída.
Pessoas com deficiência intelectual só aprendem até um determinado limite	Dadas as condições de aprendizado, eles aprendem de tudo, inclusive a abstrair, que é um exercício mental.
São incompetentes	Pessoas com deficiência intelectual podem - e devem - trabalhar.
Elas precisam usar remédios controlados	Pessoas com deficiência intelectual podem até usar remédios para controlar alguma disfunção, mas, normalmente, usam para fins comuns, como uma gripe, dor de cabeça...
Existe um culpado pela condição da deficiência	Não há culpados. Por isso, não seja superprotetor. Temos de tratar as pessoas com deficiência intelectual com dignidade e respeito, como tratamos todas as pessoas.
O meio ambiente pouco pode fazer pelas pessoas com deficiência intelectual	Costumamos dizer exatamente o contrário: a deficiência está no meio, não nas pessoas.
Pessoas com deficiência intelectual só estão bem com seus iguais	O relacionamento com pessoas sem deficiência pode ajudar no desenvolvimento delas. Portanto, essa interação é essencial.
Pessoas com deficiência intelectual morrem cedo devido a graves e incontornáveis problemas de saúde	Pessoas com deficiência podem morrer em decorrência de algumas complicações que estejam ligadas à deficiência, mas isso não é comum.

DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

É a associação de duas ou mais deficiências, podendo ser:

- Deficiência intelectual associada à deficiência física;
- Deficiência auditiva associada à deficiência intelectual e deficiência física; e
- Deficiência visual associada à paralisia cerebral.

Segundo a definição da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (MEC):

“deficiência múltipla é a expressão adotada para designar pessoas que têm mais de uma deficiência. É uma condição heterogênea que identifica diferentes grupos de pessoas, revelando associações diversas de deficiências que afetam, mais ou menos intensamente, o funcionamento individual e o relacionamento social” .

Para lidar com uma pessoa que tenha deficiência múltipla, observe-a ou pergunte a quem a acompanha. O relacionamento se estabelece de acordo com as orientações já elencadas anteriormente.

SURDOCEGUEIRA

É uma deficiência única que apresenta a perda da audição e da visão concomitantemente em diferentes graus, o que leva a pessoa surdocega a desenvolver diferentes formas de comunicação para entender e interagir com pessoas e meio ambiente.

Há tempos, essa deficiência era considerada como deficiência múltipla sensorial, mas suas particularidades comunicacionais estabeleceram a necessidade de uma designação e especificação de deficiência própria. A surdocegueira é a deficiência sensorial em sua plenitude, pois o contato com o mundo exterior pode ser totalmente cerceado.

Pessoas que têm surdocegueira podem apresentar diferentes níveis da deficiência. Há surdocego que enxergue pouco e não ouça nada, bem como quem ouça um pouco e não enxergue nada. Há também quem não pode ouvir nem ver completamente nada.

COMO SE RELACIONAR COM UM SURDOCEGO?

Pergunte como deve se comunicar com o surdocego ao seu guia-intérprete ou ao acompanhante. As formas são variadas e extremamente particulares.

Os surdocegos andam, normalmente, com um guia-intérprete ao seu lado para conseguir estabelecer a comunicação com outras pessoas. Quando chegar perto de um surdocego, toque-o levemente na mão para sinalizar que está ao seu lado. O guia-intérprete é quem vai guiar essa interação. Alguns surdocegos se comunicam colocando a mão em sua boca para sentir a vibração do som que você está emitindo.

A COMUNICAÇÃO COM PESSOAS SURDOCEGAS

Os sistemas de comunicação usados pelas pessoas surdocegas são divididos em Alfabéticos e Não Alfabéticos. Vamos conhecê-los.

Sistemas Alfabéticos

- **Alfabeto Dactilológico:** as letras do alfabeto se formam mediante diferentes posições dos dedos da mão;
- **Alfabeto de Escrita Manual:** quando o dedo indicador da pessoa surdocega funciona como um lápis escrevendo o que quer sobre a outra mão;
- **Tablitas Alfabéticas:** são tábuas que têm letras escritas em forma maiúscula ou impressa em Braille. Para a comunicação, o interlocutor vai assinalando cada letra para formar uma palavra com o dedo da pessoa surdocega e ela responde fazendo o mesmo procedimento;
- **Meios Técnicos com Saída Braille:** são máquinas utilizadas pelo surdocego que conhece o Braille.

Sistemas Não Alfabéticos

- **Libras:** Língua Brasileira de Sinais utilizada pelas pessoas surdas;
- **Todoma:** consiste na percepção, por meio da mão da pessoa surdocega que repousa sobre a boca de quem fala para sentir a vibração das palavras.

COMO ESTABELECEER A COMUNICAÇÃO

Use um dos sistemas descritos acima que melhor se encaixe na situação em que você está e com os recursos disponíveis. O importante é estabelecer a comunicação com a pessoa surdocega.

Por exemplo, se você observou que o surdocego tem resíduo visual, você pode se comunicar com ele por meio da Libras ou pela escrita. Se for escrever, lembre-se de fazê-lo em letra de fôrma grande e com caneta preta ou azul. Use papel branco ou amarelo, que dão maior contraste. Agora, neste caso, não se esqueça de ficar bem próximo do seu campo de visão.

O EXEMPLO DE HELLEN KELLER

Helen Adams Keller nasceu na Tuscumbia (EUA), em 27 de junho de 1880. Ainda menina, Helen teve uma doença diagnosticada à época como febre cerebral (hoje, acredita-se que tenha sido escarlatina) e ficou surda e cega. Mas essas deficiências não foram obstáculos para que Helen Keller se tornasse uma das mais notáveis personalidades de seu século.

Antes de se tornar escritora e conferencista, Helen graduou-se, com louvor, como bacharel de filosofia pela Universidade Radcliffe, no Alabama, EUA. Ao longo da vida recebeu títulos e diplomas honorários de diversas instituições, como a Universidade de Harvard, ainda nos EUA, e universidades de outros países como a Escócia, Alemanha, Índia e África do Sul.

Keller também recebeu diversas condecorações como a Ordem do Cruzeiro do Sul, no Brasil; a do Tesouro Sagrado, no Japão, dentre outras. Ainda foi membro honorário de várias sociedades científicas e organizações filantrópicas nos cinco continentes.

Em 1902, estreou na literatura publicando sua autobiografia *A História da Minha Vida*. A partir de então, não parou de escrever.

ATAXIA

Ataxia é a perda da coordenação dos movimentos musculares voluntários do corpo. Apesar de causar deficiência no indivíduo que a tem, ela não é considerada, em si, uma deficiência.

A ataxia abrange diversas formas de desordens neurológicas, o que a faz presente em quadros clínicos de diversas doenças do sistema nervoso, ou seja, é um sintoma, não uma doença específica ou diagnóstico.

A perda de coordenação, causada pela ataxia, pode afetar dedos, mãos, braços, pernas, pés, a fala ou o movimento dos olhos. Essas disfunções são frequentemente causadas por uma perda da função do cerebelo, a parte do cérebro que funciona como centro de coordenação.

A pessoa pode apresentar dificuldades na realização das atividades cotidianas como: pegar objetos, abotoar roupas, escrever, ficar com a fala arrastada, entre outras, a depender da gravidade da ataxia e das causas associadas.

Algumas vezes, a ataxia aparece subitamente. Por exemplo, em casos de trauma craniano, derrame, hemorragia e tumor cerebral, pós infecção, exposição a certas drogas ou tóxicos ou após uma parada cardíaca ou respiratória. Mas também pode aparecer gradualmente em decorrência do hipertireoidismo, deficiência de vitaminas (ex. E e B12), algumas espécies de câncer, anomalia congênita, esclerose múltipla, sífilis, doenças hereditárias ou de degeneração cerebelar. Ainda não existe remédio conhecido para tratar os seus sintomas.

A ataxia pode ser hereditária. Neste caso será dominante quando o indivíduo receber o gene defeituoso dos pais, o que pode acarretar a desordem genética ou recessiva, não sendo suficiente para a transmissão da doença e nem o desenvolvimento dos sintomas. A ataxia também pode ter causas desconhecidas e apresentar sintomas adicionais e neste caso, medicação ou outras terapias podem ser apropriadas para o seu tratamento.

O QUE FAZER?

O ideal é que se ofereça toda a autonomia possível aos indivíduos que têm ataxia, como por exemplo, disponibilizando equipamentos adaptados que permitam ao indivíduo ter o máximo de independência na execução de tarefas do dia-a-dia. Esses dispositivos podem ser bengalas, muletas, andadores, cadeiras de rodas, equipamentos para o auxílio da escrita, da alimentação e dos cuidados pessoais e, ainda, outros aparelhos para facilitar a comunicação para as pessoas que têm dificuldades na fala.

EPILEPSIA

As epilepsias são condições físicas, singulares, que ocorrem quando, inesperadamente, surgem mudanças breves e repentinas no funcionamento bioelétrico do corpo. Importante ressaltar que não é uma deficiência, mas pode ser ocasionada por ela.

Para explicar como ocorre uma crise, vamos comparar o ataque epilético a um curto-circuito momentâneo que afeta nossas células nervosas como parte de uma disfunção do Sistema Nervoso Central. Esse “curto-circuito” pode ocasionar perda de consciência momentânea, acompanhada de outros distúrbios como abalos musculares, movimentos bruscos, perda do equilíbrio corporal, entre outros.

A epilepsia pode atingir qualquer pessoa, por isso é importante estar atento ao que se pode fazer quando isso ocorrer. Para ajudar alguém em crise epilética, em primeiro lugar, **mantenha a calma**. Depois:

- Tente deitá-la em um lugar confortável e longe do alcance de tudo o que possa oferecer perigo.
- O ideal é posicionar a cabeça dessa pessoa um pouco mais elevada do que o resto do corpo. Use, para isso, uma blusa ou outro material acessível.
- Segure o rosto e tente deixá-lo de lado para que a saliva não interrompa a respiração.
- Não segure a língua, tentando controlar seus tremores. É um mito achar que a pessoa em crise de epilepsia pode engolir a língua.
- Não coloque nenhum objeto dentro da boca do epilético nem tente dar alguma coisa para ela comer ou beber.
- Não jogue água na pessoa.
- Aguarde pacientemente até a crise terminar. É comum que, após a crise epilética, a pessoa tenha sono e durma. Não a acorde, espere até que ela desperte e pergunte se pode ajudá-la de mais alguma maneira.
- Ligue para o serviço de emergência se a crise durar muito tempo, for seguida por outras ou caso a pessoa não recupere a consciência.

AUTISMO

A palavra autismo tem sua raiz no grego autos, que significa de si mesmo. Segundo a ASA (*Autism Society of America*), o autismo é um transtorno do desenvolvimento que aparece nos 3 primeiros anos da criança e se perpetua por toda a vida. Acomete cerca de 1 a cada 150 nascidos e é quatro vezes mais comum no sexo masculino do que no feminino.

O termo nasceu no início do século XX, quando foram realizadas descobertas sobre o processo do pensamento de pacientes considerados psicóticos – que faziam referência simultânea ao mundo e a si mesmos. Mas foi em 1943 que o americano Leo Kanner deu um passo fundamental para a identificação do autismo. Ele fez um estudo com 11 crianças gravemente lesadas, que apresentavam determinadas características em comum, e elaborou a publicação *Autistic Disturbances of Affective Contact* (Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo).

Durante sua investigação, Kanner identificou que as crianças apresentavam inabilidades no relacionamento com outras pessoas e situações desde o início da vida (extremo isolamento), falha no uso da linguagem e desejo obsessivo ansioso para manutenção da mesmice.

A Lei Federal nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Com essa legislação, a pessoa com autismo passa a ter os mesmos direitos preconizados a todas as pessoas com deficiência no Brasil.

Em 1944, o pediatra austríaco Hans Asperger publicou um artigo ampliando os estudos de Kanner com crianças. Nesta nova avaliação, as crianças selecionadas, apesar de terem as mesmas características do estudo anterior, apresentavam habilidades como: fala altamente gramatical em idade precoce, capacidades especiais e bom prognóstico. Assim, o transtorno de Asperger, como ficou conhecido, se diferenciava do autismo pelo fato de as pessoas não desenvolverem atraso ou deficiência de linguagem.

Com o passar do tempo, o conceito de autismo foi sendo reformulado. Hoje, a terminologia utilizada é Transtorno do Espectro Autista (TEA), e engloba desde os indivíduos antes conhecidos como Asperger, como os autistas mais severos.

Segundo o Código Internacional de Doenças (CID-11), o TEA se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva.

EXISTE UMA TRÍADE DE LIMITAÇÕES ASSOCIADA AO AUTISMO

- a. dificuldade em comunicação, que eventualmente gera auto-agressões e homoagressões, como forma primitiva de comunicação;
- b. dificuldade na interação social e na imaginação; e
- c. déficit na Teoria da Mente e Coerência Central.

QUESTÕES IMPORTANTES

O autista tem expectativa de vida completamente normal. O autismo não tem cura, porém, é importante que a família busque um diagnóstico precoce, pois ajuda muito no desenvolvimento do indivíduo.

Os tratamentos podem ser feitos por equipes multi e interdisciplinares – como médicos, terapeutas, neurologistas etc. A participação da família é fundamental para a evolução do autista, que pode ter alguns sintomas amenizados ou extintos. Claro que vai depender do atendimento adequado e qualificado dos profissionais. Mas uma coisa tem de ficar clara: não existe medicação ou tratamentos específicos para o autismo.

O quadro do autismo não é estático, alguns sintomas podem se modificar ou até desaparecer. Por isso, aconselham-se avaliações periódicas.

Por fim, todo mundo tem um potencial único. Trate a pessoa com autismo vislumbrando as capacidades que ela tem. Uma relação harmoniosa e respeitosa é capaz de transformações profundas. É importante sempre acreditar no ser humano, tenha ele alguma limitação, transtorno ou deficiência.

USO DE MÁSCARAS

A pandemia de Covid-19 trouxe a questão da obrigatoriedade do uso de máscaras para a proteção individual e coletiva. No entanto, devido a questões sensoriais, muitos autistas não conseguem usar a máscara. Tendo em mente essa característica própria da condição, a lei 14.019/2020 dispensou o uso de máscara por pessoas com autismo. Assim, o autista não é obrigado a usar máscara em nenhum lugar público ou privado com acesso ao público como ruas, supermercados, escolas, igrejas, aviões, etc.



Sugestão de Filmes e Séries:

Atypical

Gênero: Série de comédia dramática. Sam é um garoto autista de 18 anos que, encorajado por sua psicóloga, decide procurar uma namorada. Na busca por mais independência e autoconhecimento, acompanha vários problemas do dia a dia de sua família.

Good Doctor

Gênero: Série dramática. Park Shi-on é um autista com uma memória de gênio e habilidades espaciais afiadas. Ele entra no campo da cirurgia pediátrica como residente, e tem seis meses para provar-se capaz.

Temple Grandin

Gênero: drama biográfico/ Ano: 2010. Filme biográfico sobre Temple Grandin, uma mulher com autismo que revolucionou as práticas para o tratamento racional de animais em fazendas e abatedouros.

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

Ufa! Depois de um longo relato sobre como tratar pessoas com deficiência, vamos abrir um pouquinho esse leque para entender, também, o que elas precisam para poder usufruir plenamente dos serviços que nossas cidades oferecem.

A primeira barreira, mais ampla e complexa, é a **atitude**. Como você já aprendeu, é preciso um pouco de bom senso e alguns toques para saber conviver com as pessoas com deficiência. Muitas vezes, temos medo daquilo que não conhecemos, mas, agora, já aprendemos muita coisa e saberemos como lidar com as mais diversas situações.

Porém, o que também falta são **acessos e acessibilidades**, o que nos leva a pensar que a deficiência está no meio e não, necessariamente, nas pessoas.

Vamos estender esse raciocínio. Você vai a um restaurante e quase nunca se depara com pessoas com deficiência física, por exemplo. Bom, vamos notar alguns pequenos itens: esse restaurante tem degraus na entrada? E mais, os espaços entre as mesas são tão apertados que se não tivesse perdido aqueles quinhos a mais nem você circularia por ali? Pois é...

Vamos mais longe: será que esse restaurante tem banheiro adaptado para pessoas com deficiência física (barras de transferência, espaço para circulação, pia acessível)? Com degraus, falta de espaço e sem banheiro, a pessoa com deficiência física, com certeza, não é bem-vinda nesse lugar.

Além dos acessos físicos, há outras formas de acessibilidades as quais chamamos de **tecnologias assistivas ou ajudas técnicas**. Traduzindo: toda a tecnologia desenvolvida ou produtos, instrumento, estratégia, serviço ou prática para garantir a integração da pessoa com deficiência na sociedade.

Exemplos:

- o sistema Braille e os *softwares* que fazem a leitura de tela dos computadores para as pessoas com deficiência visual;
- os aparelhos de audição para pessoas com deficiência auditiva;
- os telefones para surdos (TS);
- as próteses e órteses para pessoas com deficiência física;
- os Sistemas de Comunicação Alternativos (SAS) - principalmente, os usados por aqueles que têm paralisia cerebral; entre muitos outros exemplos.

É importante citar que as tecnologias não indicam apenas objetos e dispositivos, mas englobam toda a organização referente ao assunto. Quando citamos tecnologias de transporte, não nos referimos apenas a uma rampa ou a um sistema de rebaixamento, que acabam tornando um ônibus acessível, mas, também, a todo o controle de tráfego, circulação nas calçadas, formação de profissionais etc.

ACESSIBILIDADE NOS PORTAIS DA JUSTIÇA ELEITORAL

Os portais da Justiça Eleitoral já dispõem de tecnologia assistiva, por meio do Rybená. A Rybená é uma tecnologia assistiva que traduz textos do português para Libras e Voz.

Assim, pessoas com deficiência auditiva e pessoas com deficiências intelectuais, disléxicos e outros com dificuldades de leitura podem consumir conteúdos e interagir com diversos sites e plataformas on-line.

Trata-se de tecnologia 100% brasileira e desenvolvida por pessoas com deficiência auditiva para pessoas com deficiência auditiva.

No próximo item, vamos conhecer outras tecnologias.

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

Próteses e órteses

Próteses são equipamentos que substituem parte do corpo humano, e podem ser implantadas ou não. Um amputado, por exemplo, pode usar o recurso da prótese para colocar uma perna ou uma mão mecânica.

Já as órteses são equipamentos que substituem uma função do corpo, como a cadeira de rodas e muletas, por exemplo, que suprem a carência do andar de pessoas com deficiência física.

Outro exemplo de órtese é bem mais usado do que você imagina. Os óculos suprem a carência de visão e possibilitam que muitas pessoas possam enxergar um pouco melhor. Essa é uma órtese que muita gente usa.

PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Sistema Braille

Braille é um sistema de leitura com o tato para cegos inventado pelo francês Louis Braille (1809 /1852). Braille, que ficou totalmente cego aos três anos de idade, inventou um sistema de pontos em relevo, inspirado pela visita do capitão aposentado Charles Barbier, que trouxera um novo conjunto de escrita para a noite que permitia aos militares trocar ordens e informações silenciosamente. Este sistema, conhecido como Serre, é baseado em 12 pontos, ao passo que o sistema desenvolvido por Braille é mais simples, com apenas seis pontos.

Louis Braille melhorou seu sistema, incluindo a notação numérica e musical. Em 1829, publicou o seu método. O sistema Braille é um alfabeto convencional cujos caracteres se indicam por pontos em relevo. A partir dos seis pontos salientes, é possível fazer 63 combinações que podem representar letras simples e acentuadas, pontuações, algarismos, sinais algébricos e notas musicais.

Dois anos depois da morte de seu inventor, o método Braille foi oficialmente adotado e reconhecido na França.



VOCÊ SABIA?

Um cego experiente pode ler duzentas palavras por minuto.

Softwares

No Brasil, já foram desenvolvidos alguns *softwares* de voz para que pessoas com deficiência visual tenham acesso a computadores. Desta forma, elas podem trabalhar, se divertir, enfim, usar o universo de possibilidades que um computador pode oferecer.

No site da Câmara dos Deputados, você encontra uma lista de softwares leitores de telas que podem ser adquiridos gratuitamente. Acesse: www2.camara.leg.br/acessibilidade/recursos-de-acessibilidade

PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Aparelhos auditivos

São equipamentos que permitem às pessoas com deficiência auditiva a possibilidade da audição. Em muitos casos, os aparelhos não devolvem a integralidade dos sons, mas possibilitam que sejam detectados ruídos que facilitam a comunicação. Hoje, há disponíveis aparelhos miniaturizados com tecnologia digital de última geração, que oferecem melhor ajuste à perda auditiva e ao estilo de vida do usuário.

Implante coclear

O implante coclear é um dispositivo eletrônico, de alta tecnologia, que estimula eletricamente as fibras do nervo auditivo para que essa corrente seja percebida pelo córtex cerebral. Esse implante fornece impulsos elétricos para estimulação das fibras neurais remanescentes em diferentes regiões da cóclea, possibilitando ao usuário a capacidade de perceber o som.

Telefone para surdos

TS - Telefone para Surdos - é um aparelho telefônico com tecnologia específica que facilita a comunicação por telefone entre pessoas surdas e ouvintes. O TS tem, na parte superior do aparelho, uma pequena tela onde a mensagem aparece escrita e, um pouco abaixo, tem um teclado onde o surdo pode digitar a conversa.

Quem faz a operacionalização e a transmissão das mensagens é a Central de Intermediação Surdo-Ouvinte (CISO), que funciona 24 horas por dia e pode ser acessada pelo número 142. Esse aparelho é disponibilizado em grande parte dos prédios públicos, mas, ainda, é pouco utilizado porque muitos surdos não têm o telefone disponível em casa.

O sistema funciona da seguinte maneira: um surdo tecla do TS o número da central 142 e transmite sua mensagem por meio do teclado alfanumérico. Na CISO uma intermediadora completa a ligação (que pode ser para um surdo ou ouvinte) e transmite, no caso da outra pessoa ser ouvinte, o recado por via falada. Se o outro interlocutor também for surdo, e estiver em TS, a mensagem aparece no visor.

Sistemas de comunicação alternativos e/ou suplementares (SAS)

O SAS é o uso integrado de componentes - símbolos, gestos, recursos, estratégias e técnicas - utilizados por um indivíduo em sua comunicação. Os sistemas gráficos facilitaram a interação, principalmente, para pessoas que têm paralisia cerebral. Os mais conhecidos e usados no Brasil são o Rebus, *Picture Communication Symbols* (PCS), *Pictogram Ideogram Communication Symbols* (PIC) e *Blissymbols*.

O sistema Bliss, por exemplo, é composto por um pequeno número de formas chamadas de “elementos simbólicos”, ou seja, são desenhos que simbolizam a idéia de uma coisa e criam uma associação gráfica entre o símbolo e o conceito que ele representa. Já os sistemas PCS e PIC são pictográficos, ou seja, baseados em imagens e desenhos que representam exatamente aquilo que são. É uma comunicação mais curta entre o símbolo e aquilo que ele representa.

Todos esses sistemas são apresentados em uma prancha, onde a pessoa com paralisia cerebral indica as imagens ou símbolos representativos daquela informação que deseja transmitir.

CAPACIDADE CIVIL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

O Estatuto da Pessoa com Deficiência, de 2015, ampliou a proteção às pessoas com deficiência, ao mesmo tempo em que reconheceu a importância de sua autonomia, independência e liberdade para fazerem suas próprias escolhas.

Uma das principais mudanças foi a que aconteceu no regime de capacidade das pessoas com deficiência mental e intelectual, que antes do Estatuto eram consideradas incapazes. O Estatuto prevê que a deficiência não afetará a plena capacidade civil. Isso quer dizer que alguém com deficiência mental ou intelectual pode se casar, exercer direitos sexuais e reprodutivos, ter direito à guarda, tutela, adoção, assim como todas as demais pessoas.

A ideia de deficiência e incapacidade estão, portanto, desvinculadas. A pessoa com deficiência é, em regra, plenamente capaz. Mas vale lembrar que, em situações específicas, essa pessoa irá necessitar de auxílio para a prática de atos civis. Às vezes, a capacidade de expressão da própria vontade fica comprometida e, dependendo da situação, pode ser necessária a curatela de outra pessoa. Outro procedimento possível é a tomada de decisão apoiada, quando a pessoa com deficiência escolhe uma ou mais pessoas de sua confiança para que a auxiliem. Em qualquer uma dessas situações, a lei determina que o procedimento deve ser proporcional às circunstâncias do caso e durar o menor tempo possível.

CAPACIDADE ELEITORAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

A pessoa com deficiência, inclusive mental, tem todos os direitos políticos preservados. Tem o direito e o dever de votar, e pode ser candidata, seguindo os mesmos critérios das demais pessoas.

No entanto, há vezes em que as obrigações eleitorais, como o alistamento e o voto, são impossíveis ou muito difíceis. Nesses casos, a pessoa com deficiência pode solicitar ao juiz eleitoral que seja dispensada das obrigações. Caso seja deferido o pedido, a Justiça Eleitoral retira multas e outras sanções geralmente aplicadas ao eleitor, e emite uma certidão de quitação eleitoral para a pessoa, com prazo de validade indeterminado.

Em 2012, o TSE aprovou o Programa de Acessibilidade da Justiça Eleitoral. O objetivo é ir gradualmente removendo barreiras físicas, arquitetônicas, de comunicação e atitudinais no processo eleitoral.

Entre as ações, a Justiça Eleitoral realiza vistorias dos locais de votação onde ficam as seções eleitorais, inclusive quanto à acessibilidade. Lembremos também a urna eletrônica brasileira, que é equipada com teclas em Braille para pessoas com deficiência visual, assim como fone de ouvido fornecido pela Justiça Eleitoral para uso de sistema de áudio.

Claro que há muito o que melhorar, e estamos no meio desse processo contínuo. Por isso também você está aqui, para ajudar a que avancemos sempre mais!

SUBSTITUINDO EXPRESSÕES CAPACITISTAS

O vocabulário diz muito sobre a estrutura da nossa sociedade. Por isso, a transformação social também passa pela sua modificação.

Então, que tal usar frases alternativas para algumas expressões capacitistas?

JAMAIS	USE
Você é retardado.	Você é sem noção!
Você está cego?	Preste mais atenção nas coisas.
Que mancada!	Que besteira você fez!
Não dê uma de João sem braço.	Não se faça de desentendido!
A desculpa do aleijado é a muleta.	A sua desculpa não faz sentido nenhum.
Vá buscar, você tem duas pernas e dois braços.	Deixe de ser preguiçoso e vá buscar.
Parece um autista, não fala com ninguém.	Neste caso, não substitua a frase, mas a sua forma de agir: respeite a personalidade e a individualidade de cada um.

Fonte de inspiração: <https://revistareacao.com.br/ivan-baron-o-influencer-da-inclusao-revela-5-frases-capacitistas-que-devem-ser-banidas-do-seu-vocabulario-para-ja/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

SEJA UM FISCAL DA ACESSIBILIDADE!

Chegamos ao final do curso. Você aprendeu um pouco sobre as deficiências, sobre como lidar com as pessoas que as têm e o que fazer em algumas situações que podem acontecer no seu dia a dia. Ficou sabendo que deficiência não quer dizer doença ou incapacidade. Muito pelo contrário.

Aprendeu, também, quais as causas das deficiências e que elas podem acontecer a qualquer pessoa próxima a nós - se não, a nós mesmos. E ainda viu que existem pessoas com mobilidade reduzida, como obesos, anões e idosos, que precisam de tantas adaptações quanto as pessoas com deficiência.

Ainda passeamos, mesmo que superficialmente, pelas tecnologias assistivas, pelas Leis e também já sabemos onde é possível reclamar se notarmos falta de acessos ou mesmo a falta de atitude adequadas.

Por tudo isso, de agora em diante, você passa a ser um grande fiscal da acessibilidade na sua casa, sua rua, seu bairro, sua cidade. Vamos reconstruir nossos conceitos e, depois disso, nosso País. O Brasil será um lugar de todos quando todos tiverem os mesmos direitos, deveres e acessos.

Agradecemos a companhia ao longo dessa trajetória e o convidamos a circular estas informações para todos que conhecer. Queremos viver em um lugar onde o respeito à diversidade humana seja tão comum quanto o amor de uma mãe ao seu filho. Afinal, viver em comunidade é respeitar sua família e, acima de tudo, o outro.

Um abraço e até logo!

